

A NECROFILIA E A MORBIDEZ DAS MASSAS



Ac. Emérito Alvaro Acioli

O vocábulo grego *nekros* significava “cadáver”, habitante dos infernos. Nekros refere-se aos mortos e não à morte, ao corpo morto ou assassinado.

Necrofilia é amor ao que é morto. Trata-se de comportamento muito mais freqüente do que geralmente se supõe. Mas dificuldades práticas impedem que essa perversão encontre facilidades objetivas de satisfazer-se. Por isso a grande maioria dos necrófilos vale-se de fantasias ou de outras representações, muitas delas estimuladas pela grande mídia. Dificilmente pode-se calcular o número de pessoas com esse problema, porque raramente elas são descobertas ou se confessam.

A paixão de destruir, “de despedaçar as estruturas vivas”, é uma outra forma da necrofilia manifestar-se. E pode aparecer precocemente, já na infância. Esse desejo de despedaçar aquilo que é vivo encontra sua expressão mais nítida no impulso para desmembrar o corpo, bem visível no comportamento de certos assassinos. Esses necrófilos homicidas desejam mais esquartejar a vítima do que simplesmente executá-la.

Postar-se perto de cadáveres, de cemitérios ou de qualquer objeto em decomposição é uma outra maneira da necrofilia se exteriorizar. Von Hentig cita os “farejadores”, pessoas para as quais o cheiro de excrementos humanos ou de qualquer coisa pútrida é excitante.

Foi o filósofo espanhol Miguel de Unamuno quem primeiro utilizou o termo necrófilo para caracterizar um traço de caráter, ao invés de uma perversão. Mas é de Erich Fromm um dos estudos mais cuidadosos já realizados sobre o caráter necrófilo.

Trata-se de uma atração apaixonada por tudo o que é morto, pútrido, doentio. Uma volúpia de transformar o que é vivo em algo sem vida. O ato de destruir pelo prazer de destruir.

No caráter necrófilo os conflitos e os problemas têm de ser resolvidos pela força e pela violência. A força, ou como disse Simone Weil, “o poder de transformar um homem

num cadáver - é a primeira e a última solução para tudo. Os problemas da vida devem ser resolvidos pela destruição e nunca pela construção”.

O interesse particular do necrófilo em relação às coisas mortas é quase sempre verificado não apenas em sua conversação, mas na maneira como lê o noticiário: examina em primeiro lugar as notícias de morte, os obituários. Ele gosta também de conversar tudo sobre a morte: de que morreram as pessoas, em que condições, quem morreu recentemente, quem parece que vai morrer, e assim por diante. Gosta de freqüentar os velórios e os cemitérios e geralmente não perde ocasião de fazê-lo, toda vez que o fato mostra-se socialmente oportuno.

É fácil verificar que essa afinidade com os enterros e os cemitérios é apenas uma forma de certo modo atenuada de um interesse mais gritante e manifesto pelos necrotérios e pelos túmulos, já comentados.

O necrófilo é um desmancha-prazeres, um esterilizador da alegria do grupo. Entedia mais que anima. A vida do necrófilo é comandada pelo que está morto.

Lewis Mumford mostrou que a conexão entre a destrutividade e as “megamáquinas” não é fenômeno recente. Existiam na Mesopotâmia e no Egito, há cerca de cinco mil anos, sociedades que têm muito em comum com as megamáquinas dos países industrializados atuais. Os produtos finais da megamáquina do Egito eram túmulos colossais, habitados por corpos mumificados. Na Assíria, como ocorreu em todos os outros impérios em expansão, o principal testemunho de sua eficiência técnica era um deserto de aldeias e cidades destruídas, assim como solos envenenados; o protótipo das atrocidades modernas.

As grandes massas cultuam hoje os artefatos mecânicos, desprovidos de afeto. Não mostram maior interesse pelas pessoas, pela natureza e pelas estruturas vivas. Há homens que sentem mais ternura por seus automóveis que por suas famílias.

A sociedade necrofilizada atual fundiu a técnica com a destrutividade. O culto da máquina e da velocidade, a glorificação da guerra, a destruição de todos os valores culturais, um ódio gratuito pelas minorias, são seus traços principais.

Essa sociedade estabeleceu também uma relação da rapidez com a coragem e da lentidão com a covardia. Para ela, a embriaguez das grandes velocidades, em bólidos assassinos, consagra a alegria de seus condutores, que passam a sentir-se como verdadeiras divindades cinéticas.

A fusão da técnica com a destrutividade, que se tornou bem visível, a partir da segunda guerra mundial, acabou por consagrar-se definitivamente na recente guerra do Iraque. Colocado na cômoda posição de um mero intermediário da destruição tecnológica, o homem pode eximir-se da consequência de seus atos.

O importante é subjugar o inimigo, “vencer a guerra”, rapidamente, pelo menor preço possível. A morte de civis indefesos é um mero efeito colateral do conflito bélico, como disse recentemente um comandante de tropas aliadas.

No show-bélico da atualidade as mortes são vivenciadas como se o telespectador estivesse participando de um videogame. Falta, nessa morte transmitida eletronicamente, o componente orgânico, a relação física direta. E os próprios combatentes, ao serem colocados na posição de meros intermediários da destruição tecnológica, podem eximir-se de culpas, em relação às mortes decorrentes de seus atos.

A guerra é agora um grande show tecnológico, com direito a transmissão simultânea, para todo o mundo. Hoje não se informa mais sobre os bombardeios realizados no campo do inimigo; transmite-se ao vivo. O espectador é levado a condição de co-piloto dos aviões de guerra, com direito a satisfazer a sua voraz necrofilia, da forma mais regredida possível.

O simbolismo da morte não é mais o odor desagradável de excrementos ou de cadáveres; seus símbolos atuais são máquinas limpas, que brilham. Mas a realidade por detrás dessa fachada anticéptica torna-se cada vez mais visível.

O homem está transformando o mundo num lugar malcheiroso e envenenado, em nome de um progresso cada vez mais discutível. Ele polui o ar, a água, o solo, os animais e a si mesmo. Pouca diferença existe se o faz intencionalmente ou não. Tendo conhecimento dos perigos possíveis, não pode ser isentado de responsabilidade. Mas seu caráter necrófilo o impede de utilizar os conhecimentos disponíveis, e a própria razão.

Os problemas mais angustiantes da atualidade estão relacionados com uma crescente atração pela morte e pelo mórbido. Refiro-me particularmente as drogas, aos crimes hediondos, a decadência cultural e moral, ao descaso com os valores éticos, nas mais diversas culturas.

Como esperar que os jovens, os mais pobres e os desesperados não se deixem atrair pela sordidez, tão bem promovida pelos que dirigem o curso da história moderna?

O mundo da tecnologia desumanizada é, sobretudo, uma expressão do mundo da morte e da desesperança.

O fascínio que o mórbido exerce, sobre o naufrago humano, reflete a dissociação entre o pensamento, o afeto e a sua vontade. E essa necrofilia prolifera e se multiplica quanto mais esse naufrago saboreia a sua insanidade projetada.

As ciências humanas não conseguiram descobrir ainda as vacinas cívicas capazes de neutralizar as tendências mórbidas do homem, o que torna praticamente impossível controlar a morbidez social epidêmica.